REVISTA Hospitais BRASIL

www.revistahospitaisbrasil.com.br

10 anos

Caderno eHealth_Innovation
Como integrar Saúde e Educação para o desenvolvimento do segmento

A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA NO ENFRENTAMENTO DAS DOENÇAS

LOGÍSTICA EM SAÚDE
Os benefícios de um setor bem organizado

MEDICA® 2013

MEDICA 2013
Tecnologia e excelente custo-benefício colocam produtos brasileiros em destaque no evento

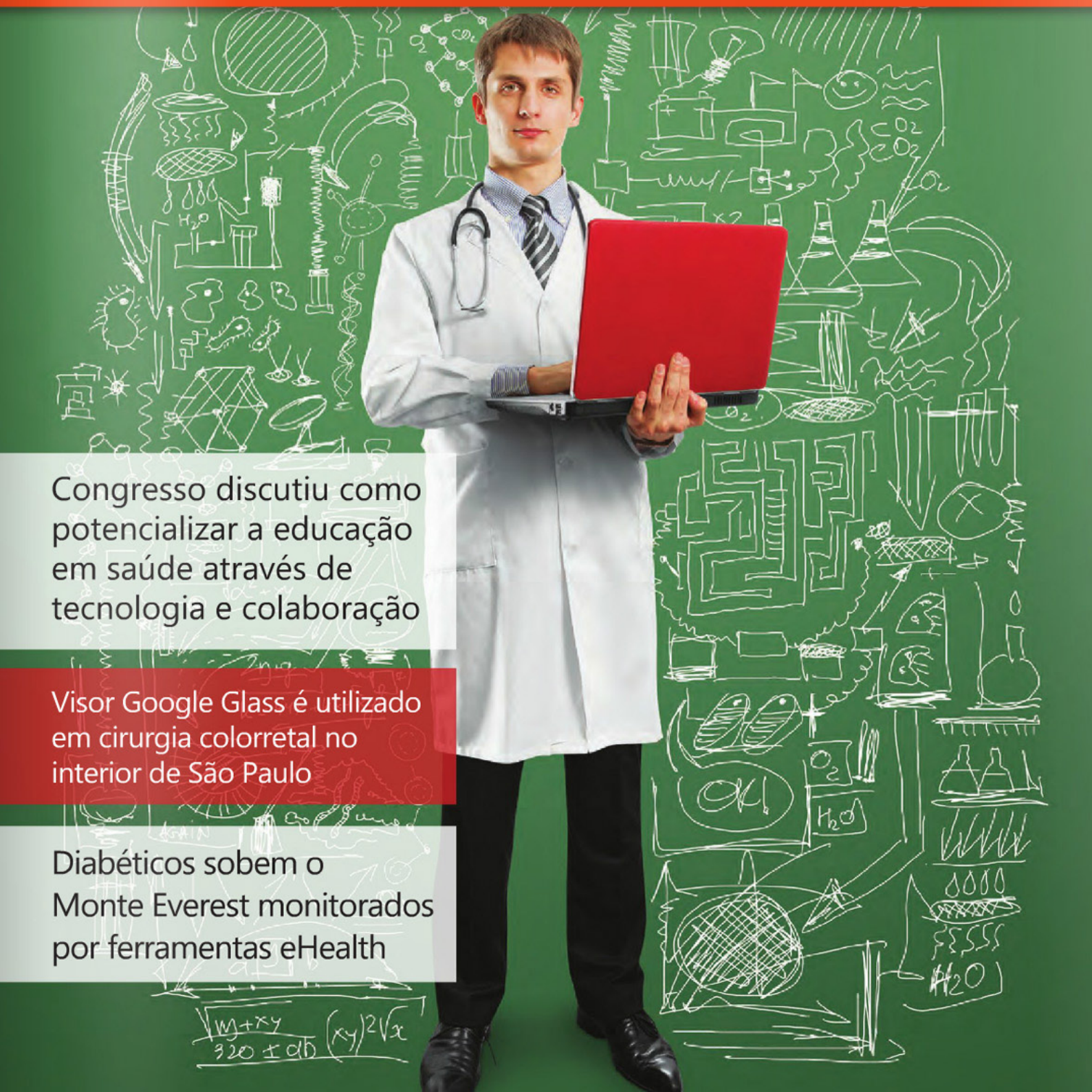
publimed 10 editora

BAIXE A VERSÃO INTERATIVA

CADERNO

eHealth_Innovation

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO TRANSFORMANDO A SAÚDE



Congresso discutiu como potencializar a educação em saúde através de tecnologia e colaboração

Visor Google Glass é utilizado em cirurgia colorretal no interior de São Paulo

Diabéticos sobem o Monte Everest monitorados por ferramentas eHealth

ENSINO

O futuro nas mãos da formação médica

Já não é novidade que Saúde e Educação devem se integrar; a pauta atual é como aperfeiçoar esta integração. Por isso, grandes nomes do setor de telemedicina e telessaúde se reuniram para abordar o assunto em evento que foi transmitido pela internet em tempo real.

por Carol Gonçalves

A potencialização da educação em saúde foi discutida no 6° Congresso Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde, que aconteceu entre os dias 20 e 22 de novembro na Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo. Participaram 1071 congressistas, sendo 785 presenciais e 286 on-line, de todos os estados brasileiros. Nessa última categoria, ainda fizeram parte representantes da Espanha e de Portugal.

Quem assistiu ao evento através da transmissão pela internet teve acesso a todas as atividades, mesmo as concomitantes, podendo escolher entre aquelas que mais lhe interessavam, como se estivesse fisicamente no congresso. Também houve a possibilidade de interação, por meio do envio de perguntas por escrito, que foram respondidas pelos palestrantes e coordenadores de sessão, através da Nuvem da Saúde, que disponibilizará o conteúdo aos inscritos no congresso por 120 dias.

Outro destaque foi o recorde de submissão de trabalhos, sendo que 223 foram aprovados e inseridos na Rede Científica da Nuvem da Saúde (www.sustentabilidade.edm.org.br), no formato de pôsteres eletrônicos. Os trabalhos também ficarão disponíveis pelo mesmo período, para debate com os autores em fóruns de discussão.

Mais uma inovação foi o 1° Congresso à Distância de Telemedicina e Telessaúde para jornalistas, com a realização do Fórum Presencial Saúde e Comunicação Digital - Rede Colaborativa e Novas Perspectivas, no qual comunicadores de diversas mídias, assessorias

de comunicação e instituições se encontraram para discutir os novos rumos desta área de atuação e como podem ser agentes de construção de uma cultura social sobre saúde.
No encerramento, o Prof. Dr. György Miklós Böhm, Presidente do 6º Congresso, anunciou a nova diretoria do Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde. Após sete anos atuando como diretor do CBTms, o Prof. Dr. Chao Lung Wen, Chefe da Disciplina de Telemedicina da Faculdade de Medicina da USP, passou o cargo para o Prof. Dr. Cláudio de Souza, da Universidade Federal de Minas Gerais, que atuou ao lado de Wen como Vice-Diretor na gestão 2009-2013. A Vice-Diretora será a Prof. Dra. Ana Estela Haddad, da Faculdade de Odontologia da USP.

Análise

Durante o Congresso, o Prof. Dr. György Miklós Böhm falou sobre as faculdades de Medicina no país e o Programa Mais Médicos, assuntos vinculados à telemedicina e telessaúde.
Ele começou mostrando que há no Brasil 202 faculdades de Medicina e que a intenção do governo é providenciar mais cursos. Dessas instituições, 85 são públicas e 117, particulares. No mundo, o número de escolas que ensinam a profissão é incerto, mas o Brasil está em segundo lugar, perdendo apenas para a Índia.
Um dado importante é o número de médicos por habitantes. "Não há consenso internacional sobre a relação ideal; a meta do Governo é ter 2,5 médicos por mil habitantes e o que temos hoje é algo em torno de dois, o que não é tão ruim. Entretanto, é consensual que a distribuição dos médicos pelo Brasil é péssima. A projeção do Conselho Federal de Medicina é que, sem contar com novas vagas e escolas, atingiremos o objetivo governamental em 2028, porém, já em 2020, oito Estados da Federação o superarão", apontou.
Böhm revelou ser da geração que protestou quando Jarbas Passarinho, Ministro da Educação do governo militar, aumentou subitamente o número de faculdades de Medicina de 40 para mais de 60. "Dizíamos, com sarcasmo, que todas as prefeituras queriam uma fonte luminosa e uma escola médica. Mas reconheço que meu julgamento foi equivocado - e até pífio - porque foi dominado pela indignação política da época."
Essencialmente, confrontam-se dois conceitos: de um lado, o de que a multiplicação dos cursos médicos deve ocorrer somente com a manutenção da qualidade, e, do outro, que precisamos de quantidade e depois, na medida do possível, cuidaremos da qualidade. "Venceu esta última convicção e estamos perante um fato consumado, que devemos aceitar democraticamente."
Em sua opinião, democracia e democrático são duas palavras mergulhadas no equívoco. "A eleição universal não é um condão mágico que transforma tudo em democracia, e nem a participação da comunidade na decisão dos procedimentos e na escolha das lideranças possui o dom de democratizar qualquer entidade. Governo instituído por eleição livre e universal pode ser antidemocrático e a história está cheia de exemplos de regimes totalitários eleitos democraticamente. A eleição das lideranças de instituições pelas comunidades que as compõem, dependendo de suas naturezas, em vez de democratizá-las, causa-lhes a ruína. Nada se conhece melhor neste país do que o futebol, contudo, nem as torcidas mais fanáticas pretendem democratizar seus times elegendo técnicos e jogadores. É intuitivo que nada se colherá de positivo, só uma coleção de derrotas."
Segundo Böhm, o regime democrático se caracteriza por um estado de espírito que aceita um equilíbrio peculiar entre a maioria e a minoria; esta colabora séria e sinceramente com as decisões da maioria, sem abdicar de suas opiniões em contrário; aquela transforma em realidade a vontade da maioria e não só tolera, mas estimula que a minoria expresse seu pensamento antagônico. "Assim, penso que todos devemos ajudar o governo, mesmo mantendo críticas. Não me ocorre boicotar as faculdades de Medicina existentes e nem as que serão criadas. Apenas continuo a pensar que não deveriam ser à custa da qualidade."
Böhm sugere que seja aprovada uma proposta para otimizar o acesso dos universitários, mestres e alunos à riqueza de conhecimentos existentes no universo digital e acelerar a produção de novas ferramentas de aprendizado. "É urgente e importante organizar didaticamente este tesouro que trafega pelas redes de comunicações, a maioria vinda do exterior. Sem isto, o aprendizado é prejudicado. A situação atual parece uma biblioteca imensa e atualizada, porém em desordem e sem catálogos. Os usuários, sem rumo, acabam perdendo tempo."
Em muitas instituições profissionalizantes, incluindo as de Medicina, os livros são na maioria de autores estrangeiros. A mesma coisa acontece no mundo digital, porém de modo mais radical, porque os materiais didáticos disponíveis têm um impacto bem maior sobre o aprendizado do que os livros.
Segundo Böhm, o professor tem o dever de conhecer a literatura estrangeira e o que existe na internet em suas especialidades. "O acesso do aluno aos conteúdos

Chao Lung Wen, Chefe da Disciplina de Telemedicina da Faculdade de Medicina da USP; György Miklós Böhm, criador da Disciplina de Telemedicina da FMUSP; Ana Estela Haddad, da Faculdade de Odontologia da USP; Cláudio de Souza, da Universidade Federal de Minas Gerais; e Luiz Carlos Lobo, da Universidade Aberta do SUS

> A teletecnologia não é apenas de valia, mas também imperativa para o funcionamento do projeto Mais Médicos e precisa ser colocada em todos os municípios brasileiros

educacionais brasileiros e estrangeiros disponíveis na rede é fácil e as barreiras linguísticas estão desaparecendo. Orientá-lo neste cipoal imenso é obrigação do professor", disse.
Antes de expor soluções para a educação dos futuros médicos, ele declarou que não ignora os projetos que visam remodelar o currículo médico. "Ainda nada é definitivo e permito-me dizer, democraticamente, que não cabe a interferência dos Ministérios na formação dos profissionais da saúde. Isto é tarefa das instituições profissionalizantes. Aceito clamores do governo sobre currículos e confesso que gosto muito da sugestão de uma carreira específica para médicos do Sistema Único da Saúde. Também é oportuno criar tantas vagas de Residência Médica quantos alunos se formaram médicos no ano anterior. A carência atual de vagas desgraçou os dois últimos anos do currículo, precisamente os internatos. Em vez de terem contato com doentes, os alunos estudam para passar neste vestibular criado para Residência. E não faltam cursinhos preparatórios; é um câncer que se espalhou pelo país todo."
Em sua opinião, necessitamos flexibilizar os currículos nas faculdades de Medicina, pois é desnecessária e ilusória a pretensão de administrar currículos idênticos em todo o país, tendo escolas tão diferentes. "Acho corretíssimo oferecer atrativos financeiros e outras vantagens para preencher necessidades de atendimento médico no país. Entretanto, interferir na liberdade do indivíduo de escolher sua especialidade é grave distorção política-social. O preconizado estágio longo dos alunos em Serviços de Urgência é perda de tempo, pois para ensinar o encaminhamento de urgências, pouco basta. Entretanto, atender diretamente as urgências requer, além de aptidão de coordenação motora e perfil psicológico adequado, uma especialização de três anos ou mais. Quanto à Atenção Básica, se alguém pensa que os profissionais que pontificam nas especialidades médicas são capazes de atendê-la fora de suas rotinas, está muito enganado. Qualquer população do mundo necessita de cuidados básicos e especializados e o currículo deve ser o mais objetivo possível para o estudante lograr a formação escolhida dentro das possibilidades de sua escola", expôs.
Para Böhm, a educação deixa muito a desejar em nosso país. E citou duas recomendações que gostaria que fossem realidade entre nós. A primeira, do pedagogo Comenius, que sonhava (há 400 anos) com uma educação em que o professor ensinasse menos e o aluno aprendesse mais. Segunda, do Colégio Americano de Escolas Médicas, que em 1984 fez uma profunda análise e concluiu que a missão educativa mais importante das escolas é fazer com que os estudantes assumam o compromisso de aprender a vida toda.
Disso se tira que os professores têm o dever de orientar os estudantes, sugerir os caminhos mais convenientes às suas capacidades; porém não cabe a eles – e a nenhuma

> A teleducação deve trafegar junto com a telemedicina e a telessaúde, esclarecendo os profissionais e a população sobre saúde e tratamento de doenças

autoridade – obrigá-los a abraçar qualquer profissão ou especialidade. "Nem temporariamente, como pretendem alguns. É acintoso. E a consequência será a fuga das melhores competências para o exterior e a perda do que temos de excelente no Brasil", disse.

Voltando à questão da educação nas escolas médicas, Böhm vê como medida imediata mais importante organizar a assistência educacional, catalogar o que existe, elaborar o que falta, distribuir as tarefas; em resumo, criar um programa e gerenciá-lo. Ele propôs uma Nuvem Nacional de Educação Médica e a criação de um órgão dedicado a esta tarefa com a colaboração das escolas médicas, dos vários conselhos de Medicina e até do Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde, sob o comando do Ministério da Educação. Assim, caberia ao governo duas ações urgentes: nomear uma força tarefa que elaborasse o anteprojeto da Nuvem Nacional de Educação Médica com profissionais experientes e melhorar a rede de comunicação do Brasil, pois, sem isso, não apenas o projeto será inútil, como perderemos a posição entre as nações em desenvolvimento.

Sobre o Programa Mais Médicos, Böhm apontou que o trabalho profissional sem revalidação de diplomas, a transferência da outorga do registro dos Conselhos de Medicina para o Ministério da Saúde, as limitações do exercício profissional, a compra de profissionais que chegam ao Brasil privados dos seus passaportes e ganhando salário estipulado pelo vendedor, e outros aspectos do programa, são entraves difíceis de acomodar na consciência. "Porém, há que reconhecer que o Programa Mais Médicos passou por todas as instâncias requeridas e está em pleno funcionamento. Portanto, é fato consumado e envolve populações sofridas e profissionais da saúde que as atendem com sinceridade de propósitos. Acredito que já passou a hora do combate e chegou o momento da colaboração. E parafraseando o Reitor de Salamanca: "mesmo se fomos vencidos sem ser convencidos".

Nos municípios mais desfavorecidos ou remotos, a meta é que o atendimento médico seja planejado em função do número de famílias e sua distribuição na região. Agentes comunitários ficam em contato direto com as famílias. Os pacientes são encaminhados às Unidades Básicas de Saúde, que devem contar com médico, dentista, enfermeira e auxiliar de enfermagem. Uma comunidade de 20 a 30 mil habitantes precisa de um hospital, que poderá ser intermunicipal, com médicos especialistas e equipamentos adequados.

"Ocorre que, na maioria das situações, o médico não encontra esta estrutura desejável e necessita de apoio. Mais ainda se for estrangeiro. Em lugares remotos há também exigências familiares, educacionais e culturais, que podem tornar sua permanência inviável. Isto é quase a regra na Amazônia. Novamente, a teletecnologia não é apenas de valia, mas também imperativa para o funcionamento do projeto Mais Médicos. O Governo precisa colocar em todos os municípios brasileiros, mesmo nos menores e mais remotos, facilidades de banda larga; se a rede bancária tem, porque não a Saúde e a Educação? Se outros países já possuem, porque não nós? O custo desta rede será bem menor que dos estádios da Copa que vamos sediar em 2014", alfinetou.

Entretanto, claro que isto não basta. Segundo Böhm, também é necessário ter tráfego inteligente na rede. Ele acredita que precisamos providenciar programas que incluam, de imediato, os médicos nos problemas gerais e de saúde na região em que atuam e, secundariamente, no Brasil como um todo. Uma imersão cultural se faz necessária. "Portanto, deveríamos elaborar uma matriz teletecnológica para estes profissionais estrangeiros que atuam nos diversos recantos desta imensa nação. As Unidades Básicas de Saúde precisam de tecnologia mínima para se conectarem às redes de telemedicina e telessaúde nos lugares mais isolados que não são necessariamente remotos. Várias universidades estão capacitadas para ministrar treinamentos sobre o uso correto das teletecnologias e deverão se colocar à disposição do Programa Mais Médicos. Tenho certeza que o Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde terá prazer em colaborar nesta tarefa."

Böhm também ressaltou que os Ministérios da Educação e da Saúde, juntos com a Associação Brasileira de Escolas Médicas, deveriam designar faculdades de Medicina e hospitais para dar suporte contínuo às Unidades Básicas de Saúde sob o cuidado do Programa Mais Médicos. Na realidade, todas as regiões deveriam contar com instituições de suporte à distância que, por sua vez, informariam os canais pertinentes do governo dos avanços e tropeços. As escolas, além de atenderem problemas médicos, deveriam contribuir com programas de educação e saúde pública em colaboração com as faculdades de Saúde Pública e as Secretarias de Saúde. A teleducação deve trafegar junto com a telemedicina e a telessaúde, esclarecendo os profissionais e a população sobre temas correlatos às questões de saúde e tratamento de doenças.

"Considero importante que os profissionais sejam estimulados a manter relacionamento social entre si e discussões de seus problemas locais. O acesso à Nuvem de Conhecimento permitirá que eles se preparem para as provas de revalidação, se atualizem e até se especializem de acordo com a inclinação de cada um. Na Amazônia Legal, o Exército Brasileiro está envolvido no atendimento médico e nos programas de saúde, porém deveria também se entrosar com esta rede de teleassistência ao Programa Mais Médicos."

Böhm acredita que não há nada que possa melhor alavancar os programas do governo do que a telemedicina e a telessaúde. "É minha convicção que o diálogo com o governo precisa melhorar. Parece-me que, por alguma razão, os empreendimentos colaborativos são escassos. Oxalá esteja enganado. Na qualidade de fundador do Conselho Brasileiro de Telemedicina e Telessaúde, digo que estamos aqui para servir. Isolados não conseguiremos ajudar com nossa competência e nem colaborar no que for preciso. Aguardamos o chamamento", finalizou.